



# RESENHAS

RESEARCH

# METAMORFOSES EM NÓS



MARCOS VINÍCIUS BOHMER BRITTO

*Doutorando do PPG-AU/UFBA e membro do  
Laboratório Urbano (PPG-AU/UFBA)*

RAFAEL LUÍS SIMÕES SOUZA E SILVA

*Mestrando do PPG-AU/UFBA e membro do  
Laboratório Urbano (PPG-AU/UFBA)*

*Livro: “Metamorfozes”*

*Autor: Emanuele Coccia*

Pensar em uma resenha para *Metamorfozes*<sup>1</sup>, de Emanuele Coccia<sup>2</sup>, sobretudo sob o efeito de uma leitura tão potente em instigar, deslocar e provocar outras formas de ver, se torna um desafio. Como transbordar para a escrita tudo aquilo que emerge como pensamento, como associação, como contribuição para o nosso campo? Como dar forma a um texto sobre uma leitura que tanto trabalha a transformação, a coafetação entre diferentes corpos, espécies, múltiplas existências e tempos? O desafio se dá justamente por esse sentimento de querer redobrar-se que se instaura a partir da leitura. Sentimento que nos chega como convite – e também como provocação. Um desejo de mostrar-se afetado e incorporar na escrita as sucessivas metamorfoses que se dão como consequência do diálogo com a obra. Gostamos de pensar nesta resenha como uma reencarnação, que tomou forma a partir do livro, mas que está destinada a se transformar a cada leitura.

Coccia se dedica em *Metamorfoses* a propor uma ampliação da percepção de vida e a explorar suas relações de transformação. O modo que o livro está estruturado – iniciando com a introdução e terminando com a conclusão – parece cumprir com um “ciclo de vida” canônico. No entanto, ao percorrermos os capítulos entre estes dois momentos – passando por Nascimentos, Casulos, Reencarnações, Migrações e Associações – são estabelecidas ideias mais consonantes com o que é desenvolvido no livro: o nascimento não como o começo – e sim continuidade da existência, repetição com diferença, acúmulo de vidas e tempos heteróclitos –; e a morte não como um fim, não como o contrário da vida – e sim como metamorfose, uma fronteira. É interessante como o autor incorpora esse pensamento na escrita do livro. Não apenas sua ideia vai se transformando ao longo dos capítulos, mas o próprio texto é escrito numa cadência de repetição e diferença, tomando formas distintas, se transformando, se reafirmando em outras formas. Coccia dá vida às palavras, formando arranjos onde uma ideia vai se repetindo de frase em frase até se transformar em outra coisa, em outra ideia.

De certo modo, nos pareceu um movimento natural encarar essa resenha como uma metamorfose do próprio livro, que digerimos e encarnamos no nosso pensamento. Atentos às repetições, às figuras de linguagem que o autor lança mão – epanáforas, anáforas e metáforas –, buscamos fragmentar e compor a partir desses fragmentos uma outra forma textual. Uma remontagem das palavras do próprio Coccia em forma de poemas, que atuam como imagens-pensamento<sup>3</sup>, para iniciar e ao mesmo tempo sintetizar as ideias que o autor projeta em cada capítulo. Assim atravessaremos o livro, de imagem em imagem, em meio a várias outras que emergem desta leitura, entendendo que são sínteses transitórias desta experiência.

## INTRODUÇÃO – FORMAS EM NÓS

*Cada ser vivo é uma legião*

*Cada um costura corpos e “eus” como um alfaiate*

*Cada uma dessas formas tem o mesmo peso, a mesma importância*

*Cada forma, cada natureza vem do outro e representa seu igual*

*Cada ser vivo é em si mesmo uma pluralidade de formas, mas*

*Cada uma dessas formas não existe de maneira verdadeiramente autônoma, pois*

*Cada qual se define em continuidade imediata com uma infinidade de outras antes e depois dela mesma.*

Coccia diz que a vida compõe um contínuo de dobras e desdobramentos, que se expressam em relações formais, mas que extrapolam as formas de vida que podemos imaginar. Uma relação de *coimbricação* para além da espécie humana, que não só começou muito tempo antes da existência da humanidade, mas que continuará por muito tempo após não estarmos mais pisando na Terra. Essa crítica ao antropocentrismo se dá não apenas por não haver uma relação de hierarquia

entre as diferentes espécies que nos precederam — pois em todas transita uma mesma vida —, mas também na relação de interdependência que a vida nos coloca com outros seres vivos, sejam eles animais, plantas, ou bactérias que vivem no nosso organismo.

## NASCIMENTOS

*Como todas e todos, eu esqueci.*

*Eu esqueci o dia e a hora, meus pensamentos e minhas emoções*

*Talvez esquecer fosse a minha única opção?*

*Tive que esquecer, esquecer tudo.*

*Criar um vazio para abrir espaço ao resto*

*Criar um vazio para tornar possível qualquer experiência.*

*Eu tive que esquecer, e esquecer tudo, para poder perceber a mim mesmo.*

*Como todas e todos, eu esqueci tudo.*

*Eu me esqueci, mas também, e acima de tudo, esqueci tudo o que vivia em mim e mesmo continuo a fazê-lo.*

*Eu esqueci, por exemplo, que fui, durante nove meses, o corpo da minha mãe.*

*Como todas e todos, eu esqueci de que já fui o corpo do meu pai*

*Como todas e todos, eu esqueci tudo.*

*Eu não poderia ter feito diferente.*

*Tive que esquecer tudo para tornar-me o que eu era.*

*Eu nasci. Eu transmito sempre algo que não sou eu mesmo*

*Eu nasci. A matéria da qual sou feito não tem nada de meramente presente.*

*Eu nasci, e é quase uma tautologia.*

*Se nascemos é porque cada um de nós, em corpo e alma, é apenas uma parte do mundo.*

*O nascimento é o processo mais individual e individualizante que um ser vivo pode experimentar.*

*O nascimento é a primeira de todas nossas experiências, sua forma transcendental.*

*O nascimento é um corredor: um canal de transformação que leva a vida de uma forma a outra, de uma espécie a outra, de um reino a outro.*

*Ter nascido significa não ser nada além de uma reconfiguração, uma metamorfose de outra coisa.*

*Ter nascido significa ser feito da mesma matéria da qual são feitas todas as coisas que temos diante de nós.*

*Nascer, para cada ser vivo, é experimentar ser uma parte da matéria infinita do mundo, que inventa uma outra forma de dizer “eu”.*

*Nascer, para cada ser vivo, é não ser capaz de separar sua própria história daquela do mundo, não ser capaz de distinguir entre o local e o global.*

*São os nascimentos que desenham o mundo.*

*Todas e todos esquecem que nasceram.*

*Todas e todos esquecem.*

*Somos todas e todos a repetição de uma vida anterior.*

*Como ela deve estabelecer-se através do nascimento, a vida é sempre repetição.*

*Uma vez nascidos, não temos mais escolha.  
O nascimento faz da metamorfose um destino.  
Como todas e todos, eu esqueci tudo. Nenhuma imagem me vem à mente.  
Como todas e todos, eu esqueci tudo. Eu só poderia esquecer.  
Toda nova vida é uma nova casa para o planeta, uma nova maneira para que ela diga “eu”;  
e ela, para fazê-lo, precisa esquecer-se.  
A cada nascimento, dentro de cada um de nós, em cada um de seus seres vivos, a Terra  
esquece o que ela é ou o que ela foi até esse dado momento para modelar seu rosto de uma  
forma diferente, para construir sua história de uma forma diferente.*

No nascimento, o esquecimento é a condição da metamorfose, o elemento mais profundo da memória. Esquecemos que o nosso corpo carrega em suas formas, uma mistura inumerável de seres vivos, nascidos de outros, e estes de outros, e de outros, “até as fronteiras da humanidade e ainda mais além, até as fronteiras do ser e ainda mais além”. Nos esquecemos da vida que animou nossos antepassados e abrimos espaço para que a vida seja carregada por uma nova forma, uma individualização que permite a distinção de um novo “eu” com o que é e o que foi “de fora” desta forma. Todo nascimento é um ato de esquecimento. A vida toma, nesse momento, uma outra forma, a forma que nos é dada ao nascer. Se somos a repetição da vida anterior, temos que esquecer as formas pregressas para nascermos. Nesse sentido, todo “eu” é um ser migrante, que nunca poderá identificar-se com uma única de suas múltiplas identidades.

340

## CASULOS

*Sempre sonhei com isso. Refugiar-me dentro de um casulo, não importa qual seja ele.  
Sempre sonhei com isso. Envolver-me na seda do casulo até cortar toda relação com o  
mundo por dias a fio.  
Sempre sonhei com isso.  
Ter a força das lagartas.  
Ver asas surgindo do meu corpo de verme.  
Voar ao invés de arrastar-me pelo chão  
Passar de uma existência a outra sem ter que morrer e renascer  
A mais perigosa forma de magia.  
A existência mais próxima da morte. A metamorfose.  
Muitas vezes me perguntei por que isso era só um sonho.  
Dedicamos um amor sem entraves à transformação do mundo, para seu progresso e me-  
lhoria, e, no entanto, tememos qualquer mudança efetiva.  
Preconizamos a mudança dos objetos à nossa volta, mas esperamos que isso não toque na  
nossa identidade.  
Transformamos o mundo até o esqueleto e, no entanto, tal mudança nos paralisa.  
O casulo não é apenas o paradigma da técnica, mas também o do estar no mundo.  
Todo eu é um casulo  
Um casulo é, primeiramente e antes de tudo, a prova de que nossa vida não pode estar*

*atrelada a uma única identidade anatômica.  
A vida das espécies no planeta é uma metamorfose constante.*

*A cada vez que comemos, fazemos-nos animais.  
A cada vez que ingerimos um ser vivo, seja ele vegetal ou animal, somos simultaneamente  
o local, o sujeito e o objeto da metamorfose.  
A cada vez que comemos, transformamo-nos em um casulo dentro do qual uma outra  
forma de vida torna-se humana  
O que nós chamamos de vida, sob todas suas formas, não passa de um casulo dentro do  
qual Gaia inventa uma nova maneira de ser.  
O mundo é um casulo feito de casulos.  
Os casulos estão por todos os lugares. Cada célula viva é um deles  
Os casulos estão por todos os lugares. Cada meio é um deles  
Os casulos estão por todos os lugares. Eles não esperam pelo chamado à conversão ou à  
revolução.  
Sempre sonhei em fazer parte disso. Ao meu redor, apenas seda, branca, macia.  
Sempre sonhei com isso. Sem necessidade de protestar.  
Sempre sonhei com isso. Sem necessidade de conceber um mundo distinto.  
Esse sonho é a vida do nosso planeta.  
Esse sonho é a história da vida.*

Coccia transita entre o literal e a metáfora quando traz o casulo enquanto um espaço de refúgio e metamorfose. A imagem mais notável da metamorfose, a borboleta, é evocada neste momento. Uma mesma vida que habita dois corpos diferentes, sem que um morra para que o outro exista. Enquanto transformamos o mundo, tememos a nossa própria metamorfose. No entanto, a nossa metamorfose não é um ato consciente ou passível de vontade. Diferentemente da revolução, que busca modificar o entorno à imagem do eu, diferente da conversão, cuja transformação vem de fora por vontade própria. O casulo é “a construção de um limiar onde todas as fronteiras e identidades são suspensas de maneira temporária”, e é por isso que a metáfora com os insetos permite perceber esse modo de metamorfose como o caminho que permite à vida transitar e conectar vários mundos incompatíveis (o terrestre e o aéreo, no caso da lagarta/borboleta). “Todo inseto é um desfile de mundos, seja ele uma multiplicidade de idades, de situações, ou de verdadeiras silhuetas anatômicas”. Coccia relaciona esse modo de metamorfose com a criança e o adulto. “Adulto e criança não vivem no mesmo mundo. Eles não se cruzam, eles não entram em competição. Eles encarnam uma vida que não é reduzida a um mundo específico”, a criança vive num mundo diferente do adulto, assim como a lagarta vive num mundo diferente da borboleta. Todo ser vivo é uma quimera, na medida em que todo ser vivo passa por esse processo de hibridização entre diferentes seres em si mesmo. Os casulos estão por todos os lugares, estão presentes quando nos reinventamos, quando nos adaptamos e até quando ingerimos outro ser durante a nossa alimentação.

## REENCARNAÇÕES

*A cada dia, temos o hábito de sentar-nos e usar nossas bocas e mãos para literalmente incorporar o corpo de outros seres vivos:*

*tirar-lhes a vida,*

*tomar-lhes os ossos,*

*a carne,*

*e transformá-los em nossas vidas,*

*nossos ossos,*

*nossa carne*

*Comer sempre significa encontrar outros seres vivos,*

*ser obrigado a viver a vida dos outros.*

*A vida alimenta-se de vida*

*Uma vida nunca é autossuficiente*

*Ela precisa insuflar nela mesma uma outra forma de vida em ato, uma vida que outros construíram*

*Comer significa transfundir a vida dos outros em nosso corpo.*

*Comer significa fundir, fundir duas vidas em uma só*

*O que nós comemos é sempre e unicamente a vida.*

*A alimentação é a contemplação da vida em sua universalidade mais assustadora*

*um frango torna-se um ser humano*

*um ser humano torna-se um verme*

*um verme torna-se uma pomba*

*Não há um verdadeiro e único ciclo*

*A vida vai de corpo em corpo, de espécie em espécie*

*O que chamamos de morte é apenas o limiar de uma metamorfose*

*Cada ser vivo é um casulo pelo qual a vida constrói alguma coisa diferente*

*na natureza nada morre, tudo se transforma*

*a cada vez que ingerimos um ser vivo, seja ele vegetal ou animal, somos simultaneamente o local, o sujeito e o objeto da metamorfose*

*A cada vez que comemos, nos transformamos em um casulo no seio do qual uma outra forma de vida se torna humana.*

*Comer é o encontro multiespecífico mais universal do mundo*

*A política de Gaia é apenas essa construção cotidiana de uma carne comum a todos os seres vivos, que cada um utiliza mas que circula não apenas de local em local*

*mas de corpo em corpo,*

*de indivíduo em indivíduo*

*de espécie em espécie*

*O destino de todos os seres vivos é tornar-se o corpo de uma outra espécie*

*Nós nunca deixamos de trocar de casa, de ocupar a vida e o corpo dos outros.*

*Nós nunca deixamos de nos tornar a casa e o corpo dos outros.*

*Ninguém nunca está totalmente em casa.*

*Ninguém neste mundo segue os usos e hábitos da casa*

*A morte é a passagem da vida comum a todas e todos de uma forma para outra*

*A morte nunca poderá interromper a vida, ela simplesmente muda o seu modo de existência*

*Toda morte é uma continuação da vida sob outros rostos.  
A vida, por outro lado, constitui-se sempre sob a forma de uma reencarnação da vida que a precedeu  
Há que se viver bem rápido e morrer com frequência, e não cair no fetichismo da forma que a vida escolheu  
Partilhamos a mesma carne e o mesmo espírito com tudo o que há na Terra  
Nada do que habita em nós é novo.  
Tudo vem de outros corpos, de outros lugares, de outros tempos.  
Tudo pertencia a uma outra vida,  
tudo já viveu várias vezes sob várias formas,  
tudo foi readaptado,  
reordenado,  
reformado.  
Cada reencarnação permite que dois seres reencarnem-se um no corpo do outro.*

A forma mais recorrente de metamorfose é a fagia. A vida promove, a todo momento, o encontro de corpos, sejam eles vegetais ou animais, onde um, ao alimentar-se do outro, torna-o seu corpo, sua vida. O devorado, por sua vez, transcendendo a forma confinada nos limites do seu corpo para transmitir sua vida assim que entra no corpo do outro. Quando isso acontece, somos ao mesmo tempo o sujeito, o local e o objeto da metamorfose. A fagia também nos mostra que não existe um único ciclo de metamorfose, pois ela vai migrando de espécie em espécie, onde a vida é transmitida para além dos limites dos corpos, das espécies, das formas. A vida está apta a circular no corpo de todos os seres vivos, e apesar de ser difícil pensarmos no nosso corpo humano como alimento para outras espécies, como o exemplo dado pela bióloga australiana<sup>4</sup> que se viu incrédula por quase tornar-se alimento de um crocodilo, ainda assim viramos um banquete para bactérias e vermes que reencarnam o nosso corpo no deles, permitindo que a vida migre para nutrir outras formas.

343

## MIGRAÇÕES

*O verdadeiro sujeito de toda metamorfose é o nosso planeta.  
Todo ser vivo é apenas uma reciclagem do seu corpo,  
uma manta de retalhos construída a partir de uma matéria ancestral.  
O mundo se define, antes de mais nada, pelo fato de ser um planeta,  
um corpo, um conjunto de corpos caracterizados por um movimento  
irregular e quase perpétuo  
O mundo é o ser da metamorfose  
É por causa dessa natureza planetária que nada pode permanecer  
onde está, nem o que é  
Os pássaros, o vento, os rios, mas também os edifícios, os cheiros, as cores  
Tudo se move, tudo se transforma  
Tudo muda de lugar, mesmo que não reparemos nisso.  
Tudo muda de forma, mesmo que essa transformação permaneça invisível aos nossos olhos.*

O mundo, enquanto realidade planetária, é um corpo à deriva  
 Não há mais terra,  
 Não há mais formas estáveis e definitivas.  
 Todos os continentes são balsas em movimento  
 De um ponto de vista planetário, a vida migra, pois é a  
 terra, em que cada ser vivo põe seus pés, que se desloca.  
 A metamorfose, que é tão íntima do ser vivo, é uma  
 consequência dessa deriva que anima e molda o corpo da Terra.  
 É metamorfoseando-se que a matéria pode fazer-se planeta, em deriva perpétua.  
 A condição planetária não é uma qualidade individual.  
 Ser um planeta significa sempre sê-lo para outra coisa ou para outra pessoa  
 Cada objeto no mundo é o planeta de alguma outra coisa.  
 Cada ser vivo é o planeta de alguma outra pessoa.  
 Toda relação com outros seres reproduz esta configuração planetária,  
 Onde um dos seres se torna o planeta para o outro  
 Onde são mutuamente o planeta um para o outro.  
 A relação metamórfica é sempre uma relação planetária, no duplo sentido de que ela  
 transforma um objeto em mundo, e faz das formas implicadas uma o planeta da outra  
 Todo corpo é uma viagem em curso  
 Todo corpo é um corredor  
 Todo corpo é a porta de entrada para uma infinidade de outros mundos.  
 O mundo é planeta, e é por isso que ele não é nem um globo nem uma casa  
 O mundo é planeta, e é por isso que sempre existirá um outro lugar e uma outra forma  
 A vida é a consequência da natureza veicular da matéria, da estrutura planetária deste  
 mundo.  
 Há vida apenas onde os corpos são veículos, arcas, planetas uns para os outros  
 Não há espaço, há somente viagem.  
 É a partir dessa veicularidade que nós deveríamos descrever e pensar nosso estar juntos.  
 Ora, temos medo dos veículos  
 Nós tememos as arcas.  
 Nós receamos a viagem  
 Não conseguimos nos libertar da nossa obsessão pela casa.  
 Não conseguimos nos libertar do nosso amor por espaços bem  
 organizados, limpos, que sejam nossos, exclusivamente nossos e não dos outros.  
 Não conseguimos nos libertar do nosso amor por fronteiras nítidas  
 É contra as casas que a metamorfose opera  
 O planeta Terra é apenas a vida da metamorfose, o desvio de tudo o que vive  
 Todos os seres vivos fazem da sua relação com o espaço um  
 meio de metamorfose de si próprio e do mundo que eles habitam.

O autor encara a vida como uma migração contínua multiescalar, multiespecífica e multi-relacional, onde tudo na Terra e para além dela – os astros – está em constante movimento. Tudo se move, tudo se transforma. O mundo é um grande corpo à deriva, transportando nessa viagem muitas formas de vida, onde nós somos passageiros que não sabemos quando a viagem iniciou nem o seu destino.

O mundo é o ser da metamorfose, e cada forma no mundo é o planeta de alguma outra coisa. As placas tectônicas são grandes balsas que se movem lentamente em relação ao tempo de vida que nossas formas carregam. As nossas cidades são grandes espaços de mudanças constantes, onde prédios e ruas trocam de lugar, se deslocam, são reconstruídos, migram. O nosso corpo é um planeta que abriga várias outras formas de vida. Nada permanece onde está nem o que é, tudo se transforma. É metamorfoseando-se que os seres vivos animam a matéria do planeta.

## ASSOCIAÇÕES

*Toda metamorfose é a evidência de uma relação entre formas díspares que define o 'ser' de tudo aquilo que é vivo.*

*Essa relação não está fora de nossos corpos.*

*Trata-se de sua própria fisiologia.*

*Somos, simultaneamente, lagarta e borboleta.*

*Nenhuma silhueta,*

*Nenhum ethos,*

*Nenhum mundo poderá resumir nossas vidas.*

*O mundo está sempre, em todas as suas partes, concebido, desenhado, construído.*

*Estar no mundo significa, para cada espécie, viver no espaço concebido e construído por outros.*

*Viver, portanto, significa sempre ocupar,*

*invadir um espaço estrangeiro e negociar o que poderia ser um espaço compartilhado.*

*A agência arquitetônica ou urbana não é algo que se limita ao ser humano,*

*é a faculdade mais geral de um ser vivo*

*Cada espécie é um ator consciente*

*Cada espécie viva entretém uma relação estética com o mundo ao seu redor.*

*Estar vivo não significa apenas perceber o mundo de forma diferente das outras espécies, mas construí-lo, moldá-lo, de uma forma diferente*

*O meio ambiente não é algo que precede as espécies naturais,*

*é algo que cada espécie remodela à sua própria imagem.*

*O mundo animado é um mundo de arquitetos*

*Cada espécie é de alguma forma obrigada a viver em um mundo produzido e concebido por outros*

*A arquitetura é sempre um salão multiespécie.*

*É o paradigma da relação interespecífica*

*O espaço, o que persistimos em chamar de meio ambiente natural, nunca é "natural".*

*O espaço em que vivemos é o produto de outros*

*A arquitetura não é apenas a relação ativa entre uma espécie e o mundo, mas a relação necessária entre eles.*

*É enquanto arquiteto do mundo que cada espécie está em relação com as outras.*

*O intelecto não é uma coisa, é uma relação.*

*Cada espécie decide, à sua maneira, o fado evolutivo das outras*

*O solo deixa de ser uma realidade autônoma.  
 Não há solo.  
 O solo de um é a vida de outros  
 Cada um vive do corpo do outro  
 Cada um tirou seu corpo de outrem  
 Todo ser vivo é a Terra dos outros  
 Não há solo urbano, espaço puro e simplesmente de ocupação urbana  
 Todo território é em si uma metamorfose em curso  
 Cada um de nós, como todo ser vivo e toda espécie, é um elemento de uma metamorfose coletiva  
 Um solo para outros seres vivos e outras espécies  
 É enquanto solo dos outros que temos uma potência de agir.  
 Cada espécie decide o destino evolutivo da outra, simultaneamente artista e obra  
 A Terra em si deve ser considerada como uma experiência artística  
 A natureza contemporânea é a cena onde a vida está na vanguarda do seu por vir.  
 É a vida como uma vanguarda natural  
 É a reprodução surrealista das formas de vida  
 As cidades deveriam tornar-se algo como museus para a natureza contemporânea  
 A cidade, enquanto museu da natureza contemporânea, não é nada além de um conjunto de artes e técnicas em perfeita continuidade com as nossas.  
 A vida nessas instituições deverá coincidir com um tipo de urbanismo interespecífico, com uma arquitetura paisagística multiespécies.  
 A cidade deve se tornar o que torna possível a contemporaneidade da natureza  
 Ela é nosso presente e, sobretudo, nosso futuro.  
 Ela é, sempre, uma projeção futurística do presente, sua metamorfose.*

É curioso pensar que nossas cidades são, antes de tudo, construídas em espaços onde há ar para respirar. O oxigênio produzido pelo metabolismo das plantas é o que há de mais presente nas cidades, antes de prédios, antes de pessoas. As cidades são, assim como as florestas, um encontro multiespecífico, por mais que nós humanos continuemos persistentemente em pensá-las como artefatos exclusivos da humanidade, em separá-las da relação com outras formas de vida. Vivemos num espaço concebido por outras espécies, onde cada uma participa ativamente de uma grande quantidade de modificações que resultam no nosso estar no mundo, que transformamos para outras espécies. Essa transformação é sempre multiespecífica e migrante: a flor concede à abelha a polinização; a semente é levada pelo pássaro por longas distâncias para germinar. É por isso que pensar a relação do ser vivo com o espaço sob o prisma da autoctonia é sempre uma imposição normativa.

## CONCLUSÃO - METAMORFOSES

*A metamorfose é, a um só tempo, a força que permite a todos os seres vivos espalharem-se simultânea e sucessivamente por várias formas e o sopro que permite às formas conectarem-se entre si, passarem de uma para a outra.*

*A metamorfose é a adesão e a coincidência com um corpo estranho  
Em uma metamorfose, a potência que nos atravessa e nos transforma não é de maneira  
alguma um ato consciente e pessoal de vontade.*

*A metamorfose é a fronteira que separa e divide as espécies umas das outras.  
A metamorfose é uma alegoria de purificação: assim como os insetos deixam seu  
antigo corpo e obtêm um novo modo de vida, da mesma maneira os homens devem  
deixar seu antigo modo de vida para adotar um novo.*

*A metamorfose é a propriedade dos corpos que nunca se separam de sua infância  
Todos os seres vivos podem endurecer sua pele para secretar a infância. Manipular seu  
corpo, destruir seus ossos, sua carne, dura demais, vivida demais para destilar  
uma juventude futura. O milagre da metamorfose é este aqui.*

*As metamorfoses são os dias onde tudo se parece com violência: aqueles em que os golpes  
que infligimos a nós mesmos parecem mais duros que os que o mundo pode nos enviar.*

*A metamorfose não é apenas um processo que diz respeito à forma global do corpo:  
ela é também a relação que se estabelece entre as diferentes partes do corpo,  
e que permite a cada uma delas seguir uma linha de vida,  
estender-se no curso de seu desenvolvimento.*

*A metamorfose é a mais poderosa objeção a qualquer teoria que pretenda enumerar  
tantas vidas quanto corpos existentes e afirmar uma descontinuidade do ser vivo que  
corresponde perfeitamente à forma das espécies e dos indivíduos.*

347

*Todo ser vivo é a contração e o desdobramento de uma biodiversidade anatômica, ética e  
ecológica cuja metamorfose é a condição de possibilidade e história.  
Ecossistema e cidade são espaços de conspiração metamórfica, de turbilhões onde as  
formas associam-se para possibilitar uma metamorfose maior da Terra, ou seja, para dar  
uma vida mais intensa e rica à Gaia.*

Coccia defende que a metamorfose é a evidência de que a vida que nos atravessa é a mesma que circula ao nosso redor, e de que faz isso desde muito tempo, apenas mudando de forma, se transformando, se reinventando, se metamorfoseando. É uma única vida partilhada por todos os corpos, que migra numa continuidade intraespecífica pelos nascimentos, mas também interespecífica pelas reencarnações. Para além de uma nova maneira de pensar a vida em suas formas, o autor aciona uma posição política de que a compreensão da humanidade passa por uma compreensão das relações de afetação interespecífica entre corpos, e que a espécie humana é apenas uma nesse emaranhado gigantesco da diversidade de vida na Terra. A metamorfose liga o tempo ao espaço, evidenciando a força vital metamórfica que migra de ser em ser, que mostra passado, presente e futuro num único sopro, e que anima Gaia em suas mais variadas formas de vida.

De certo modo, o livro *Metamorfoses* pode ser entendido como uma existência *per se*, uma outra forma de dizer eu, que também é repetição, que também é acú-

mulo, “em continuidade imediata com uma infinidade de outras antes e depois dela mesma”. O livro pode ser entendido como uma legião, cujo corpo é composto por muitas ideias e pensamentos que fluem como a vida, ainda que para que algumas ideias nasçam, outras tiveram que ser esquecidas. Coccia de certa forma incorpora o pensamento deleuziano. A dobra<sup>5</sup> está presente na metamorfose, ainda que não diretamente citando Deleuze – como diz o próprio Coccia, “na linhagem dos seres vivos ninguém ocupa a posição de Adão”. As ideias de Ailton Krenak<sup>6</sup> também reencarnam neste livro, repetidas com diferença, assim como as de outros tantos. A nutrição está presente através de ideias que afetam e criaram as condições favoráveis para que pudessem migrar de uma forma para outra. O livro também pode ser entendido como casulo. Um refúgio entre existências que nos deixa em suspensão, em transformação. Um caminho mágico, potente em instigar, deslocar e provocar outras formas de ver o mundo. 

## NOTAS / REFERÊNCIAS

<sup>1</sup> Publicado no Brasil pela editora Dan-tes, em 2020, com tradução de Madeleine Deschamps e Victoria Mouawad, e desenhos de Luiz Zerbini.

<sup>2</sup> Doutor em Filosofia pela Universidade de Florença e Professor Titular de Filosofia na École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS) de Paris.

<sup>3</sup> Cf. BENJAMIN (2013).

<sup>4</sup> Referência ao caso de Val Plumwood, citada no livro na página 117.

<sup>5</sup> “Eis por que há metamorfose, ou ‘meta-esquematismo’, mais do que mudança de dimensão: todo animal é duplo, mas de modo heterogêneo, de modo heteromórfico, como a borboleta dobrada na lagarta e que se desdobra” (DELEUZE, 1991, p. 23).

<sup>6</sup> Cf. KRENAK (2019).

COCCIA, Emanuele. **Metamorfoses**. Desenhos de Luiz Zerbini, tradução de Madeleine Deschamps e Victoria Mouawad - 2 ed. - Rio de Janeiro: Dan-tes Editora, 2020.

BENJAMIN, Walter. **Imagens de pensamento** – Sobre o haxixe e outras drogas. Tradução: João Barreto. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

DELEUZE, Gilles. **A dobra: Leibniz e o barroco**. Tradução de Luiz Orlandi. - Campinas, SP: Papirus, 1991.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras (1ª ed.), 2019.